

ENTRE “ESCREVIVER” E “ESCREOUVIR”: POR UMA PSICANÁLISE LITERÁRIA

Sandro Adriano da Silva¹

CASTELLO BRANCO, Lucia; SOBRAL, Ayanne Pricilla Alves. *O que é psicanálise literária*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2023. (Outros passos).

Escrita a quatro mãos, por Lucia Castello Branco, escritora, psicanalista e tradutora, e Ayanne Pricilla Alves Sobral, psicanalista, a obra apresenta, só à primeira vista, um título que sugere tratar-se de uma introdução ao assunto. Ao contrário, *O que é psicanálise literária?*² corresponde a um caleidoscópio de textos que, sem deixar de apresentar o viés conceitual expresso no título, vai muito além, expondo uma gama de conceitos refinados de uma *psicanálise implicada* à literatura e à clínica psicanalítica, numa espécie de *palimpsesto*, como as prefaciadoras, Rosi Isabel Bergamaschi Chraim e Simone Moschen propõem.

No ensaio de abertura da obra, intitulado “O desejo e a urgência”, Sobral estabelece uma reflexão articulada sobre a dupla produção de Lúcia Castello Branco - tanto no campo acadêmico quanto no literário. O texto desenvolve uma análise profunda do ato de escrever durante o contexto atípico da pandemia de Covid-19, situando-o em uma tríplice postura assumida pelo psicanalista: um compromisso ético, um posicionamento político e um gesto poético. O ensaio propõe assim uma compreensão da prática escritural que transcende sua função meramente expressiva, elevando-a à condição de dispositivo crítico e terapêutico. Nesta perspectiva, a letra - tanto na sua dimensão psicanalítica quanto literária - configura-se como espaço de acolhimento e elaboração das experiências traumáticas geradas pelo contexto pandêmico.

O analista, agenciador do direito de circulação livre dos afetos, sobretudo num momento de negligência do Estado, faz dessa dialética um movimento incompatível com o totalitarismo: “por força da letra capaz de atenuar o horror do real, psicanálise e literatura se aproximam e começam a traçar um caminho em direção ao que chamaremos aqui *psicanálise literária* (p. 19, grifos meus). O conceito alude à *letra* como um operador teórico e, à literatura (em sua aliança com a psicanálise) que “[...] permite que esses dois campos heterogêneos se encontrem e se toquem, deixando um pouco de um e levando um pouco de outro em um movimento contínuo e cuidado” (p. 21). A perspectiva de uma psicanálise voltada ao texto literário já estaria no horizonte de interesse de Freud e Lacan, anunciada pela atenção que ambos dirigem à arte, aos

¹ Doutorando em Letras, UFPR, Brasil. E-mail: sandro.silva@ies.unespar.edu.br. ORCID: <https://orcid/0000-0003-15671563>.

² Importante salientar as duas formas titulares: na capa, tem-se um título editorial, expresso na forma de frase interrogativa, enquanto na ficha catalográfica, a forma corresponde a uma frase declarativa.

artistas e à literatura (p. 21). Como campo epistemológico, ela é anunciada como um dispositivo teórico e clínico rentável à interpretação da letra como “um texto impossível em que se vê irromper o sentido ético e poético do ofício psicanalítico, [...] apesar do medo. Por causa do horror” (p. 23), no contexto pandêmico.

Ao entrevistar Lucia Castello Branco, Ayanne Sobral questiona a dimensão ética e amorosa na psicanálise e na literatura. Remetendo-se a um texto de sua autoria (Branco, 2012) e a Lacan (1985), Lucia argumenta que “a leitura no amor, então, não seja uma boa leitura e que talvez o que Lacan esteja dizendo nessa passagem é que a melhor maneira de ler é contrapondo-se ao texto, para não ser completamente engolido por ele” (p. 27). Valendo-se da metáfora “ler é ser chamado a um combate, a um drama” (Llansol, 2000, p. 18), Lucia endossa uma visão de “frontalidade da leitura” (p. 27), uma vez que “o enfrentamento do outro também é sempre um combate, mas a posição ética de quem lê no amor é bem diferente da posição ética de quem lê no ódio” (p. 27). Lacan (1985) introduz o neologismo “amódio” para designar uma modalidade particular de leitura que, sob uma perspectiva ética, equipara-se estruturalmente à leitura no registro do amor. Esse termo composto (*amor + ódio*) revela uma saída para esse maniqueísmo, que poderia ser uma terceira via: psicanálise e a literatura funcionando como “saber em fracasso” (p. 28). A ideia tomada do ensaio “Lituraterra”, de Lacan (2009), apontaria, não para um “fracasso do saber”, nem para a leitura no amor amalgamado ou no ódio, ou no amódio, mas “a leitura no amor em fracasso, como se diz saber em fracasso” (p. 28), posto que uma ética da psicanálise também englobaria um amor ao texto: “essa ética amorosa tem que existir para a leitura, tem que existir para a escrita e tem que existir para a psicanálise” (p. 31).

Em relação à renúncia do analista de seu lugar de suposta potência, Lucia argui que muito poucos são os escritores que “suportam esse lugar de serem apartados e dispensados” (p. 34). A escrita e a psicanálise implicam um lugar idealizado, de tal modo que “essa destruição do sujeito, mesmo que a escrita faça isso, muitas vezes o sujeito não a suporta” (p. 34), um “ponto de radicalidade” (p. 36) pelo qual poucos atravessam. Eis outro ponto de intersecção entre o ser psicanalista e ser escritor, uma vez que “ninguém é psicanalista, ninguém é escritor nesse sentido, porque não é algo do ser, é um devir. Um devir constante e a cada ponto parece que você está recomeçando” (p. 41). Sobre o luto na pandemia, sua dimensão política e o papel da psicanálise literária como lugar de fala, a psicanálise literária enseja uma escuta: apontar para o escutar “os poetas como pensadores, escutar a literatura como uma filosofia, uma teoria e, mais, como uma teoria psicanalítica, isso já é uma nova epistemologia” [...], um “furo nessa suposta integridade dos saberes hegemônicos [...] O analista é uma função, e enquanto função ele é uma tábula rasa, mas sua posição ética e política estão implicadas” (p. 48; 52).

A partir da metáfora conceitual de “coisa literária”, proposta por Shoshana Felman em *La folie et la chose littéraire* (1978) e da ideia de *psicanálise implicada*, Lucia ressalta que “ao formular a expressão “psicanálise literária” foi contribuir, de alguma forma, para sair de um certo binarismo que pode ser sugerido [...] pela ideia de “Literatura e Psicanálise” [...], problematizando este “e”, essa conjunção aditiva (p. 62). Em síntese, Castello Branco define, em tom de provocação, a psicanálise literária como um modo de “desenssencializar a literatura, mas também de reconhecer sua irredutibilidade. [...] São várias as literaturas e uma única e

singular experiência da escrita. Como A Mulher, A Literatura não existe. Mas a coisa literária, ex-siste” (p. 66-67).

Em “A prática da letra”, híbrido de ensaio acadêmico e depoimento autobiográfico, Lúcia discorre sobre a estética de Arthur Bispo do Rosário e a poesia de Manuel de Barros, a partir do texto “Lituraterra”, de Lacan (2009), da biografia de Rosário (Hidalgo, 1996), do ensaio “O mistério nas letras”, de Mallarmé (2010), e na experiência de Lucia como psicanalista em hospitais psiquiátricos públicos e em centros de saúde mental, que resultou na obra *Coisa de louco* (1998). O capítulo aborda ainda a prática da tradução, a aproximação entre poesia e loucura (Felman, 2020) e o limite do gesto tradutório: a “intradução”, conceito retomado de Augusto de Campos (2012).

No ensaio “A coisa literária”, Castello Branco apresenta o conceito de “escreviver”, estabelecendo uma aproximação com a noção de “escrevivência”, de Conceição Evaristo, considerando que seja “possível mesmo refletir acerca das sutis diferenças que essas duas noções comportam, embora tenham como suporte a coisa literária” (p. 98). A primeira delas é de ordem linguístico-semântica: “escreviver” compõe-se de um verbo no infinitivo; já “escrevivência” é constituída por um substantivo. Assim, “o verbo no infinitivo aponta para o aberto de um devir, enquanto o substantivo sugere a vivência de um passado construindo a escrita” (p. 98). Enquanto a ideia de escrevivência é biográfica, o escreviver apostaria em direção ao futuro, “releva menos o lugar de fala daquele que escreve e mais o lugar de escuta, tanto daquele que escreve quanto daquele que lê” (p. 98). O escreviver prevê uma comunidade de escuta e de leitura, uma vez que “aspira alcançar, como a escrevivência, lugares de fala para aqueles que, de seus lugares de escuta, possam sonhar” (p. 99). Daí a predileção pelo recurso do infinitivo: “escreviver [...] aponta para ao infinito e para o ilimitado de uma experiência [...], o que a aproxima, radicalmente, da psicanálise [...] dado seu *modus vivendi*” (p. 99). O escritor “é aquele que escutou coisas grandes demais para suas orelhas. E, como ressonância, sua voz e sua escuta serão expandidas a outros campos, antes ou mesmo depois de ser tornarem escrita” (p.101). Escutar essa voz áfona em sua natureza de coisa literária seria, assim, “escutar a loucura do texto abrir mão da leitura como interpretação, buscando a leitura literal, cujo fundamento maior se encontra na concepção da literatura e da psicanálise como “práticas da letra”, como formulado por Lacan (2003) [...]” (p. 103). Essa prática exigiria também do leitor “o movimento de um saber sempre em fracasso” (p.103). Tal movimento, ao contrário de apontar para uma “infinitização do saber” (p. 104), impõe-lhe uma redução: “nem a literatura sabe da psicanálise, nem a psicanálise sabe da literatura, mas é possível que ambas possam operar nessa miragem de um saber em fracasso” (p. 104). Nesse jogo “onde uma esclarece sobre a outra, a outra se apaga, oferecendo sua face opaca à contraluz” (p. 104), é que a “coisa literária” se revelaria: “Re-velar-se: mostra-se, em sua irredutibilidade, como aquilo que imediatamente é velado, ainda uma vez e uma outra. Diante dela, da coisa literária, só nos resta recolher o que resta de um saber em fracasso” (p. 104).

Em “A escuta poética”, Ayanne Sobral propõe que escuta poética e escuta psicanalítica guardam aproximações, embora a primeira “não necessariamente solicita a interpretação que acesse algum sentido, embora talvez evoque a interpretação do intérprete, daquele que

permanece, sempre, na borda do sentido” (p. 107). Sobral evoca, de um lado, a noção de “romances de escuta” (Librandi, 2020) e, de outro, o conceito de “feminino de ninguém”, (Branco; Paula; Baeta, 2019), a partir de uma metáfora de Llansol, a fim de pensar uma leitura feminina da psicanálise e avançar na construção do conceito de psicanálise literária como uma nova epistemologia que aposta na “escrita do vivo” como “maneira de resistir à invasão do real e à realidade mortífera em que hoje, mais do nunca, nos encontramos” (p. 110). Contribuindo para a constituição de uma “clínica do escrito” (p. 110), a escrita é norteadora de práticas de escuta, de uma “escuta poética da loucura” -, “produzindo efeitos clínicos onde, de início, supúnhamos poder recolher apenas alguns fundamentos teóricos para fazer avançar os estudos no campo da Literatura e Psicanálise” (p. 111). Essas relações teóricas nos levam a duas constatações fundamentais. Primeiro, que a abordagem psicanalítica da literatura demonstra surpreendentes paralelos entre os processos poéticos e psicóticos. Segundo, que a pandemia nos confrontou com um novo paradigma cultural - um que paradoxalmente proclama o fim do mundo conhecido enquanto desenvolve formas inéditas de percebê-lo e interpretá-lo.

“A mulher e a voz (e a voz da mulher)” discute as origens e desdobramentos do método hipnótico e suas relações com o nascimento da psicanálise, na qual “uma nova clínica em que a voz, que era antes monopólio do saber médico (e do homem), é o seu principal objeto” (p. 117). Nesse sentido, a psicanálise teria inaugurado um lugar de fala feminino, em que, pela primeira vez na história da humanidade, “a mulher pode falar livremente, sem julgamentos e censuras, dando voz ao seu próprio corpo e àquilo que antes aparecia como sintoma” (p. 117). Na hipnose a voz do terapeuta comandava e produzia efeitos sugestivos nas pacientes, provocando lembranças do momento de surgimento do sintoma; “com o método catártico e sobretudo depois, com a associação livre, a direção da fala do paciente é dada não pelo psicanalista, mas por ele mesmo, o paciente” (p. 117). A voz do analista converte-se numa metáfora do residual e, no limite, do silêncio na clínica (e na psicanálise literária): “[...] a voz não corresponde apenas ao registro sonoro, assim como na literatura a escrita não tem a ver somente com a palavra” (p. 120). Trata-se de modulações “de escuta e escrita que buscam circunscrever o vazio deixado pelos rastros da letra, materialidade do significante desmochada de sentidos e significações” (p. 120). Nesse sentido, a “coisa literária” mostra-se uma noção incontornável para a psicanálise literária, na medida em que a literatura “afasta-se radicalmente de sua definição institucional, e, portanto, do campo das “Bellas letras” [...], fazendo do discurso, da palavra, da letra, coisa, cuja interpretação é barrada pelo sentido” (p.120).

A abordagem psicanalítica aplicada à literatura configura um espaço singular de investigação, caracterizado por uma dinâmica relacional onde a afetividade se manifesta como processo dialético de afetar e ser afetado. Como observado nas referências analisadas, esse campo se estrutura como uma rede de trocas sensíveis que envolvem necessariamente a corporalidade - com particular ênfase na experiência feminina. A especificidade dessa prática reside precisamente em sua dimensão corpórea: tanto o corpo de quem escuta e escreve quanto o de quem fala e lê se mostram como superfícies receptivas, capazes de registrar e ressoar afetos. Essa condição compartilhada de sensibilidade redefine os parâmetros tradicionais da interpretação psicanalítica, deslocando o eixo da análise dos significantes linguísticos para a

materialidade vocal - seus ritmos, ressonâncias e intervalos silenciosos (p. 122). O caráter distintivamente feminino dessa escuta emerge não como essência biológica, mas como modalidade epistemológica que privilegia a abertura ao indeterminado. Ao “fazer furos” no tecido discursivo estabelecido, essa abordagem revela-se menos interessada na decifração de significados fixos do que na captação dos movimentos pulsionais que atravessam a linguagem. A voz, nesta perspectiva, deixa de ser veículo transparente de comunicação para tornar-se manifestação rítmica de um corpo que vibra, ecoa e cala. Essa reconceitualização da prática analítico-literária sugere uma importante inflexão metodológica: da hermenêutica dos conteúdos para uma fenomenologia dos afetos corporificados. O texto literário passa a ser lido não como cifra a ser decodificada, mas como superfície de contato onde corpos se afetam mutuamente através da mediação linguística - processo que encontra na escrita feminina especialmente suas expressões mais radicais e reveladoras. A metáfora dos orifícios aponta para o gozo feminino irredutível à significação, e, por isso mesmo, toca diretamente o corpo: “Arrebatando-o, seu gozo feminino aponta os furos em relação à referência simbólica por onde é possível antever um oco radical – o impossível da linguagem e da representação” (p. 122).

A psicanálise literária, no limite, parece tratar-se de uma *escuta* e *escrita* da ordem do feminino, bem como de uma *fala* e *leitura* feminina: “Foi esta também a nossa tentativa neste pequeno livro: escutar, transcrever e extrair desse “corpo a corpo” entre duas mulheres e duas escritas o corpo de cada uma consigo mesma” (p. 123). *O que é psicanálise literária* trata de um “escrever e de um escreouvir femininos, com algo de novo no amor” (p. 123), no interior de uma epistemologia e de uma clínica que articulam – sem sobrepor nem propriamente separar hierarquicamente – psicanálise e literatura.

Referências

BRANCO, Lucia Castello. *Coisa de louco*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1998;

BRANCO, Lucia Castello; PAULA, Janaína de; BAETA, Vania. *Feminino de ninguém: breves ensaios de psicanálise literária*. Belo Horizonte: Cas'a edições, 2019.

BRANCO, Lucia Castello. *A paixão do ler: notas sobre o amor em fracasso*. Disponível em: <https://blogdasubversos.wordpress.com/2012/11/12/praticas-da-letra-a-paixao-do-ler-a-leitura-no-amor-em-fracasso/>. Acesso em 15 jul. 2024.

CAMPOS, Augusto de. Intradução: Salamandra de Góngora. *Musa rara*. 3 jan. 2012. Disponível em: www.musarara.com.br/intraducao-salamandra-de-gongora. Acesso em 15 jul. 2024.

FELMAN, Shoshana. *La folie et la chose littéraire*. Paris: Seuil, 1978.

FELMAN, Shoshana. Só-depois. In: BRANCO, Lucia Castello (org.). *Shoshana e a coisa literária: escrita, loucura, psicanálise*. Belo Horizonte: Letramento, 2020, p. 293-296.

HIDALGO, Luciana. *Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20*. Mais, ainda (1972-1973). 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. *Seminário, livro 18*: de um discurso que não fosse semelhante. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. (Campo freudiano no Brasil).

LACAN, Jacques. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In: LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

LIBRANDI, Marília. *Escrever de ouvido: Clarice Lispector e os romances de escuta*. Trad. Jamille Pinheiro Dias e Sheyla Miranda. Belo Horizonte: Relicário, 2020.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Onde vai, drama-poesia?* Lisboa: Relógio D'água, 2000.

MALLARMÉ, Stéphane. *Divagações*. Florianópolis: UFSC, 2010.

Data de submissão: 15/07/2024

Data de aceite: 15/04/2025